



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPUS CASTANHAL**

**FATORES DA NÃO ADERÊNCIA DOS HOMENS A UM PROGRAMA DE
GINÁSTICA NA CIDADE DE CASTANHAL-PARÁ**

RIVANY FLORENCIO DA CUNHA

**Castanhal-PA
2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPUS CASTANHAL**

**FATORES DA NÃO ADERÊNCIA DOS HOMENS A UM PROGRAMA DE
GINÁSTICA NA CIDADE DE CASTANHAL-PARÁ**

RIVANY FLORENCIO DA CUNHA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado Pleno em Educação Física, sob a orientação da professora Dra. Lilian Sales.

Castanhal-PA

2018

RIVANY FLORENCIO DA CUNHA

**FATORES DA NÃO ADERÊNCIA DOS HOMENS A UM PROGRAMA DE
GINÁSTICA NA CIDADE DE CASTANHAL-PARÁ**

Trabalho de conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para sua conclusão.

Castanhal, 02 de março de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Silva de Sales

Examinadora Interna: Profa. Dra. Dalva de Cássia
Sampaio dos Santos

Examinadora Externa: Profa. Esp. Tatiana França Moura

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois em Ele, nada até aqui, inclusive a minha vida, teria se iniciado.

Em seguida, agradeço aos meus pais. São sem dúvidas, os principais responsáveis pela minha formação acadêmica e pessoal. As duas pessoas que me inspiram todos os dias. Sou grata por nunca terem desistido de acreditar no meu potencial, muitas vezes, acreditaram até mais do que eu mesma. Esta conquista é para vocês.

Agradeço a todos os meus amigos envolvidos durante este processo de produção do trabalho, Loiana Calderaro que se demonstrou extremamente solícita e se empenhou a me ajudar com as pesquisas. Amanda Alves pela paciência de sentar junto a mim e contabilizar os números e resultados necessários. Aqueles que contribuíram indiretamente, muito obrigada.

Agradeço também, em especial às minhas queridas amigas que ganhei durante o curso, Paula Gonçalves e Tássia Letícia por sempre ter acreditado em mim e pelos incentivos diários e incansáveis, eles foram fundamentais.

Agradeço aos amigos da turma 2013.1 a qual tive o prazer e a alegria de compartilhar esta formação acadêmica. Sou grata por todos os aprendizados e momentos que me proporcionaram nesta jornada. Não poderia citar todos os nomes, mas a quem sempre acreditou e me incentivou durante esta fase, meu muito obrigada.

Agradeço ao Programa Corpo Saudável pela grandiosa oportunidade profissional que me proporcionou durante o período em que fui estagiária, graças a ele, este trabalho nasceu. Obrigada pelo companheirismo dos colegas de trabalho e pelo carisma com quem ainda está aprendendo. Obrigada especialmente à professora coordenadora do projeto Edmara Bernardo que me concedeu espaço para pesquisa e crescimento.

À professora Lilian Sales, minha gratidão em conceder sua sabedoria ao orientar-me durante este processo de produção acadêmica. Obrigada pela generosidade.

Agradeço também, todos os meus familiares que aguardaram por esse momento e me ajudaram durante a formação. Cada um, da sua forma, se fez presente e fundamental. Obrigada, Ohana.

RESUMO

O presente estudo analisa os motivos que levam homens a não aderirem ao Programa gratuito de ginástica Corpo Saudável que acontece na cidade de Castanhal, no Pará. Os sujeitos entrevistados foram homens não participantes do projeto, que praticavam exercícios físicos nas mesmas praças ou ginásio em que aconteciam as aulas do projeto, homens que participam do programa e os profissionais envolvidos no mesmo, incluindo homens e mulheres. Estes, responderam a um questionário semiestruturado, onde foi possível analisar suas visões sobre a questão da baixa frequência de homens. Analisamos também os registros de frequência realizados pelos professores durante as aulas e a relação com o número de homens e mulheres presentes no período de treze meses entre os anos de 2016 e 2017, além dos registros cadastrais dos participantes, feitos no ano de 2015. Os resultados, mostraram que, de acordo com os cadastros realizados em 2015, 96% dos praticantes são mulheres e apenas 4% são homens. Além disso, as respostas mais frequentes sobre os fatores que impedem indivíduos do sexo masculino a participarem foram: preconceito com as atividades, vergonha, falta de interesse e não conhecer o programa.

Palavras-chave: Ginástica, Gênero, Homens.

ABSTRACT

The present study analyzes the reasons why men do not adhere to the Free Program of the Healthy Body gymnasium that happens in the city of Castanhal, in Pará. were non-participants of the project, who practiced physical the same squares or gymnasium where the project Classes took place, men who participate in the program and the professionals involved in it, including men and women. These, answered a semi-structured questionnaire, where it was possible to analyze their views on the the issue of low frequency of men. We also analyzed the frequency registers by teachers during the classes and the relation with the number of men and women present in the period of thirteen months between the years 2016 and 2017, in addition to the registration records of the participants, made in the year 2015. The results showed that, according to the registered in 2015, 96% of the practitioners are women and only 4% are men. In addition, the most frequent answers about factors that prevent individuals from sex men to participate were: prejudice with activities, shame, lack of interest and not know the program.

Key words: Gymnastics, Gender, Men

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 A ENGENHARIA SOCIAL E SUAS CONSTRUÇÕES IDEOLÓGICAS	09
2.1 Corpo e corporeidade – Uma construção histórico-social	09
2.2 Exercício físico possui gênero? Masculinidade e Educação Física	11
3 O PROGRAMA CORPO SAUDÁVEL	16
4 A MASCULINIDADE APLICADA	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27
APÊNDICE 1	29
APÊNDICE 2	30
APÊNDICE 3	31

1. INTRODUÇÃO

A construção histórica dos corpos entre homens e mulheres instituíram-se de maneiras distintas para ambos os gêneros. Logo, as ideias sobre atividades relacionadas a estes mesmos corpos como, exercícios físicos e estética, também tiveram suas caracterizações diversificadas. Nossos corpos são moldados historicamente, treinados e marcados pela individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade (Bordo, 1997).

As iniciações esportivas, tiveram suas datas diferenciadas em relação a cada sexo. Para uma elite masculina proprietária de terras, durante o século XVIII, segundo Dunning e Maguire (1997), as experiências se deram a partir da caça, boxe, corrida de cavalo e críquetes. Contudo, a vez das mulheres tardou e teve seus primeiros registros em atividades bastante distintas dos homens, pois no auge da idade contemporânea, acreditava-se que a beleza da mulher, estaria empregada em sua saúde reprodutiva, logo as principais atividades recomendadas naquela época eram caminhadas ou passeios de bicicleta ao ar livre. Vertinsky (1990) salienta que, baseados nas diferenças biológicas entre homens e mulheres, os profissionais da área da saúde utilizavam estas divergências para justificar as desigualdades nas práticas de atividades físicas, revelando assim, que estas práticas não eram neutras, mas forradas de segregações entre os gêneros.

De frente com a nossa atualidade, esbarramos em um mundo *fitness* altamente sedutor, onde novidades nesta área, são criadas e recriadas a todo instante. Os exercícios físicos em coletividade possuem uma adesão notável em academias e em locais abertos com a popularização de profissionais da área e de modalidades como: *Crossfit*®, ginástica aeróbia, treinamento funcional, HIIT, *Spinning*, entre outras. A preocupação com o corpo em termos de saúde ou estética, notoriamente, toma grandes proporções e os espaços para essas práticas se tornam cada vez menos formais, como por exemplo, a utilização de praças e ginásios que são ambientes totalmente públicos e facilitam a aderência dos praticantes.

As políticas públicas de um modo geral têm tido pouca focalização de gênero voltada para homens, ainda é limitada e até mesmo escassa, contudo, nota-se que é um tema em grande expansão mundial a partir dos anos de 1980 (STROMQUIST 1996). Tendo como base as relações sócio-históricas que tanto produziu desigualdades entre os gêneros, há uma necessidade de incluir a saúde dos homens como pauta destas políticas, consolidando as ideias de equidade dos sexos. Segundo Farah (2004), atualmente, a agenda de políticas de gênero no país, está mais voltada para questões relacionadas a mulher, como violência ou acesso à política, geração de emprego e etc.

Deste modo, esta pesquisa passa então, a questionar sobre os motivos da participação reduzida de indivíduos do sexo masculino nas atividades coletivas de ginástica no Programa Corpo Saudável (PCS), em relação às mulheres, considerando que, os homens que não participam do referido projeto, optam por outros exercícios físicos que são praticados no mesmo ambiente público que as aulas.

Tal Programa, foi inaugurado no ano de 2008, na cidade de Castanhal. Desde então, tem seu funcionamento ocorrendo em 3 bairros da cidade, em locais totalmente públicos como praças e um ginásio. O Corpo Saudável tem a frequência de três aulas por semana, sendo estas nos dias de segunda, quarta e sexta nos turnos da manhã e da tarde. Conta com aulas de ginástica aeróbia, treinamento funcional, e aulas de ritmos com a duração de 50 minutos a uma hora. Vale ressaltar que é um programa de responsabilidade da prefeitura da cidade, sendo totalmente gratuito. Analisaremos também, as implicações que as ideias edificadas socialmente no decorrer da história, conjugam em questões de saúde e longevidade relacionadas ao homem.

O presente estudo apresenta então, o objetivo de analisar a relação participativa dos homens no Programa Corpo Saudável. Especificamente, podemos definir como meta o mapeamento da frequência de indivíduos do sexo masculino durante um período de 13 meses, nos anos de 2016 e 2017, juntamente com os cadastros de participantes, realizado em 2015. Também serão identificados os motivos da baixa frequência de indivíduos do sexo masculino no Programa Corpo Saudável de acordo com a visão dos professores que atuam no mesmo, dos indivíduos do sexo masculino participantes do programa e dos que não participam.

Neste trabalho, falaremos sobre o corpo, e a corporeidade dos gêneros perante a sociedade, sobre os exercícios e as questões de gênero impostas durante as práticas esportivas. Entraremos ainda, em pauta sobre a Masculinidade e suas consequências na vida e na saúde dos homens, será abordado também sobre a masculinidade na escola, no esporte e na educação física.

Esta pesquisa é de cunho Quali-quantitativo, segundo Minayo (1993):

"a relação entre quantitativo e qualitativo (...) não pode ser pensada como oposição contraditória (...) é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais 'concretos' e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente e vice-versa".

Apoia-se em entrevistas semiestruturadas com os professores, participantes e não participantes do Programa Corpo Saudável. Foram analisadas interrogativas com o objetivo de deparar-se com os motivos que levam homens a não frequentar as aulas coletivas de ginástica.

Participaram do estudo um total de 42 indivíduos. Sendo estes: 7 professores do Programa Corpo Saudável, 25 homens não participantes do Programa e 10 participantes. A pesquisa foi composta por perguntas (ver apêndices) que variavam de acordo com o público a qual era destinada. Os critérios de exclusão a serem considerados foram, indivíduos que não realizavam práticas de exercícios regularmente e que não frequentasse os locais em que as atividades do Programa eram realizadas como as duas praças e o ginásio.

Os instrumentos utilizados foram questionários semiestruturados com questões discursivas para todos os sujeitos da pesquisa com consentimento livre e esclarecido previamente concedido e explanado de forma que todos se mantiveram consciente do uso de suas respostas e qual objetivo delas. Apropriando-se disto, para os professores foram oferecidos questionamentos sobre o tempo em que trabalham no Programa, se durante este tempo, eles perceberam que em algum período a frequência de homens praticantes das atividades do Programa possuiu aumento, juntamente com o questionamento sobre a opinião deles quanto ao motivo da não participação dos homens no Programa.

Para os participantes das aulas, além de dados como idade, nome e grau de escolaridade, fora questionado sobre a representatividade do Programa em suas vidas e sobre suas opiniões a respeito do motivo que leva alguns homens a não se interessar pelo mesmo. Aos que não praticam exercícios no Corpo Saudável, o questionamento consistiu, além de idade e grau de escolaridade, em suas rotinas de atividades, a frequência naquele ambiente público e sobre seu interesse ou falta do mesmo no Programa. Além disso, foram utilizados dados da frequência de homens nas aulas do programa durante o ano de 2016 e início de 2017 e cadastros realizados no ano de 2015, ao passo que, foi concretizado uma relação quantitativa de homens e mulheres nestes dois itens.

Os dados foram coletados nos três polos, onde as aulas de ginástica do Programa Corpo Saudável acontecem. Nas praças públicas do bairro do Estrela, do Cristo e no ginásio do Apeú na cidade de Castanhal-PA. Participaram desta coleta os indivíduos que se encontravam presentes no local, nos dias da pesquisa no mês de março de 2017.

2. A ENGENHARIA SOCIAL E SUAS CONSTRUÇÕES IDEOLÓGICAS

2.1 Corpo e corporeidade – Uma construção histórico-social

Ao longo da história da humanidade até o presente momento, o corpo sofre influências constantes de conceitos de beleza estipulados por uma minoria sob uma massa populacional. Sabendo que o corpo pertence mais à história que à própria natureza “é inútil retroceder a um suposto grau zero das civilizações para encontrar um corpo impermeável às marcas da cultura.” (SANT’ANNA, 1995, p. 125).

Martins e Altmann (2007, p. 26) salientam que “o corpo é um processo, resultado provisório das convergências entre cultura, técnica e sociedade.” E, a partir do século XVII, desenvolveu-se em nossa sociedade uma espécie de poder político que passou a condicionar a vida do corpo social, logo, o corpo passou a se tornar algo passível de moldes de acordo com a necessidade da tendência em que este presencia. Possuindo então, uma concepção de beleza referente ao tempo que se vive, tendo em vista que esta, é suscetível de transformações com o passar dos anos (FOUCAULT, 1983, p. 30).

Em meio a uma realidade atual, fixada em ideais de corpos “perfeitos”, esculpidos por músculos realçados e uma rotina de vida baseada em exercícios físicos, a percepção sobre o próprio corpo e a imagem que agrada perante o espelho de cada indivíduo, torna-se possivelmente, mais rigorosa e relaciona-se (direta ou indiretamente) com suas concepções formadas pelas influências da sociedade em que encontra-se inserido. No atual momento secular, influências midiáticas possuem um poder de alcance bastante abrangente, contudo, as mais recentes fontes de conteúdos diversos como as redes sociais de um modo geral, tem uma capacidade relativamente massificada quanto ao seu alcance. A visão de corporeidade, porém, não se torna um elemento geral, mas algo a ser considerado por ambos os sexos de maneira distinta.

Em divergência de idade e gênero, compreende-se corpos diferentes e conseqüentemente, corporeidades ímpares de acordo com suas percepções. Para Merleau-Ponty (1945/1994) a percepção está diretamente ligada com a atitude corpórea. Na concepção fenomenológica deste sentido perceptivo, a captação do mesmo de maneira singular ou pluralmente falando, se faz por meio do próprio corpo a partir dos diferentes olhares perante o mundo.

Utilizar gênero no campo da saúde não significa discutir exclusivamente o sexo propriamente dito (homens e mulheres), mas sim, reflexões acerca da construção histórica dos papéis masculino e feminino, de acordo com Salles-Costa e colaboradores (2003). Desconsiderar as particularidades de cada gênero, seria uma medida inadequada no que diz respeito à saúde coletiva.

Trazer discussões a respeito de gênero para qualquer âmbito social se torna um parecer delicado se considerarmos a consolidação ideológica de cunho machista presente na sociedade brasileira que traz em suas raízes registros literários, musicais, dramaturgos e, dentre outros, o enaltecimento da figura masculina e objetificação do corpo feminino. “A natureza teria definido o que distingue homens e mulheres, mas, as influências do meio podem intervir no processo de estabelecimento e cristalização das diferenças.” (SALLES-COSTA *et al.*, 2003, p. 329).

De acordo com Bandeira (2009), “em nossa cultura, gênero é um elemento de inteligibilidade”. O conceito de gênero se fortalece quando é acompanhado de outros fatores como raça, etnia e principalmente a sexualidade. Segundo a autora Scott (1995, p. 20-21), gênero conceitua-se como um fator importante para demonstrar as classes de poder dentro de uma sociedade. Para ela, a definição do termo possui partes e subpartes que estão ligadas entre si. “O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” Surgiu no final do século XX, como uma tentativa de feministas contemporâneas para explicar as desigualdades entre homens e mulheres.

Sabe-se que ao longo da história da sociedade as práticas de exercício físico, eram vistas como algo imoral e até mesmo pecado tudo que representasse uma ameaça aos padrões previamente estabelecidos de mulheres dedicadas à maternidade e ao lar, logo, os exercícios físicos prescritos pelos médicos às mulheres, naquela época, eram destinados principalmente à manutenção da saúde e a prevenção de doenças juntamente com a função reprodutiva e o embelezamento do corpo da mulher (DEL PRIORE, 2000).

Em se tratando dos homens, a visão da prática de exercícios físicos era relacionada como fonte de experiências e validação da masculinidade, a busca por uma estética corporal não deixaria de existir entre os fisicamente ativos, que se deslumbravam com o aumento dos músculos, diretamente relacionados à ideia de força e domínio do corpo masculino (MESSNER, 1995; MALYSSE, 1992).

2.2 Exercício físico possui gênero? Masculinidade e Educação Física.

Durante o período do século XIX, constitui-se uma dicotomia do corpo feminizado ou masculinizado, havendo uma importância exacerbada em destacar diferenças nas questões do corpo por meio de uma visão de gênero. Em dado momento, entram em vigor discussões sobre a “feminização” do homem a partir da homossexualidade e a “masculinização” da mulher

através do trabalho considerado pesado. “É como se a manutenção da ordem social dependesse dessas tentativas de clarificação.” (ROHDEN, 2003, p. 205).

Elias (1994), evidencia a ideia de que há uma transferência da competição natural da vida coletiva para um campo de jogo, assinalada por uma simbolização de batalha entre grupos ou indivíduos através de regras estabelecidas previamente. Há, então, presença de padrões de gênero na prática esportiva por conta de posições sociais e diversas disposições de gênero no esporte. (LABERGE, 1995). Historicamente, alguns esportes possuem predomínio e fazem parte das preferências entre os sexos. Seria então isto, fruto de um contexto social?

De acordo com um estudo realizado por Salles-Costa, *et al* (2003), que investigou a prática de atividades físicas no tempo destinado ao lazer, a participação masculina é maior em atividades como o futebol, o vôlei e o tênis; e de força muscular, como a corrida e a musculação. Entretanto, no que diz respeito às mulheres, as atividades ditas como favoritas foram a caminhada, a ginástica, a dança e a hidroginástica consideradas como práticas individuais em meio coletivo.

A prática do futebol frequente entre os homens, seria justificada por ser um esporte incentivado desde a infância para os meninos brasileiros e por ser considerado como um esporte massificado. Infelizmente, o incentivo à prática deste esporte se torna, com poucas exceções, exclusiva aos garotos, pois, segundo Teixeira e Caminha (2003, p. 266) é um “esporte tradicionalmente associado à virilidade e ao esforço físico masculino”. Tornando comum, a exclusão de meninas desde cedo a esta prática enriquecedora em diversas áreas, para ambos os sexos. Isto, reflete na precária trajetória histórica de mulheres dentro do esporte, em especial no Brasil, onde nos mostra que o país do futebol, poderia ser, de forma mais adequada, chamado de país do futebol masculino.

O Masculino portanto, torna-se presente na vida das crianças e dos adultos. O país do futebol masculino cresce com o machismo. A exemplo do próprio esporte, tem-se o salário absurdamente diferenciado entre um atacante do futebol masculino e uma atacante do mesmo esporte na categoria feminina. A mesma questão pode ser vista em outros esportes, o patrocínio de empresas e a visibilidade torna-se sempre maior quando diz respeito ao consagrado másculo.

Másculo, do latim “*masculus*” segundo do dicionário: 1. Relativo ao homem ou ao animal macho. 2. p.ext. que denota qualidades consideradas próprias do homem; viril, vigoroso. Caracteriza socialmente um comportamento ou uma imagem física de porte masculino. A masculinidade surge então, como um processo que desencadeia uma série de consequências na vida do homem e da sociedade.

A construção social da masculinidade, varia dentro de contextos, de acordo com Ramírez (1989). Por isso, é importante desconsiderar tal comportamento como uma produção individual ou isolada, e entender como uma produção cultural.

Entre pais e filhos, a educação perpassa por gerações. Entre costumes e culinárias, a cultura pode variar de modo a levar imprescindivelmente os modos de vida da comunidade familiar, a educação dos mais novos. Durante esta formação, há construções de identidades de gênero e sexualidade. Connel (1995), destaca que a construção da masculinidade se dá em oposição a tudo que é feminino. Segundo ela, existe uma narrativa cultural que direciona o comportamento que todo homem/menino deve seguir. De acordo com Louro (2000, p.6), o ser humano não nasce com concepção de corpo ou de gênero, não há naturalidade nestes pensamentos, os mesmos, são determinados ou inseridos culturalmente:

Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura.

Louro (2000), reflete sobre o momento em que tais características de masculinidade ou feminilidade tornaram-se reconhecidas como padrões a serem seguidos, como tais comportamentos transformaram-se em uma marca definidora de identidade.

Aparentemente, há uma necessidade humana de apoiar-se na definição de corpo, gênero e sexualidade, ser masculino ou ser feminino, ser heterossexual ou homossexual, muitas vezes ultrapassa a barreira do ser humano, acima de tudo. “O corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar.” (WEEKS, 1995 p.90-91)

Izquierdo (1994, p.49), pontua que estas divergências de gênero impostas se acentuam pela maneira em que são definidas as construções ideológicas de sua existência, ou seja, a sociedade se põe a dividir-se em dois gêneros, onde há os seres que produzem vida e seres que produzem riquezas e as administram, mantendo a vida. Logo, há uma dependência da parte produtora da vida em relação ao outro lado produtor.

Em outras palavras, estamos lidando com o que seria, somente, a capacidade da mulher de procriar e gerar filhos e do homem de manter a casa e o lar com o trabalho, delimitando as atividades de cada um. O masculino e o feminino diferenciando-se não apenas pelas palavras, mas sim, pelas atividades sociais que cada um se colocaria a realizar.

Ainda com Izquierdo (1994, p.39), destaca-se tal relevância dada socialmente às divisões de tarefas como a naturalização da maternidade e cuidado com a cria, que durante centenas de anos, enfatizou-se esta atividade como sendo algo de natureza única e exclusiva da

mãe. Portanto, a segregação entre gêneros, consumaria a ideologia de que, há de se justificar quaisquer atividades através da feminilidade e da masculinidade.

A virilidade masculina, de acordo com Messner (1995), compõe o conceito de que o corpo do homem e quaisquer atividades relacionadas a este, deve destacar tal princípio de idealização do masculino. Não há fragilidade quando se trata do homem e isto deve estar estampado em seu comportamento emocional, físico e intelectual. O homem eleito socialmente como provedor da casa, não deve possuir fraquezas, pois estas prejudicariam sua imagem. O reflexo desta concepção pode estar em crianças que se sentem oprimidas emocionalmente em ambientes escolares ou familiares, onde seus sentimentos não devem transparecer fragilidade, lembrando da atitude de “homem”, esquecendo que são apenas meninos.

Reinaldo Ortiz que se apoia em autores como Fanon (1968), Memmi (1967) e Freire (1968) revela que, há uma auto-opressão “que se recebe do exterior ou se faz própria convertendo maneiras de pensar sobre si mesmo”. Ele conta que o discurso pode generalizar-se para diversas áreas como por exemplo, sexo ou sexualidade. É bastante comum também, que o mesmo se estenda nas relações afetivas. Chorar em público, se torna uma demonstração de fraqueza e vulnerabilidade, pondo em risco seu poder. (ORTIZ, 1995 p. 150-151)

Em um contexto social, diversas masculinidades podem ser produzidas, defende Connel (2003, p.119). A masculinidade hegemônica, seria uma delas e estaria agrupada juntamente com: subordinada, cúmplice e marginalizada. Esta hegemônica está diretamente relacionada com o patriarcado e se legitima através da dominância dos homens em relação às mulheres e outras masculinidades, a autora sugere ainda, que a mesma está sujeita a transformação ao longo do tempo.

A masculinidade subordinada se relaciona com a subordinação entre homens, sujeitando-os através da sexualidade. Trata-se da subordinação de homens homossexuais aos heterossexuais. Entretanto, Connel aponta que esta não é a única forma de subordinação existente na categoria.

A dita masculinidade cúmplice, conceitua-se com benefícios que os homens usufruem através da masculinidade hegemônica. Assume-se uma postura privilegiada socialmente devido o patriarcado, entretanto, os mesmos não assumem que há essa disparidade de vantagens em relação as mulheres que se tornam submissa neste formato de construção social.

Por último, mas não menos excludente, a masculinidade marginalizada trata-se das marginalizações de raças e etnias, classes, grupos minoritários e no geral oprimido. A exemplo, pode-se considerar as masculinidades negras, que infelizmente sofrem repressões diariamente.

Não podemos deixar de compreender ainda, que, segundo Connel (2003), a masculinidade, em hipótese alguma, trata-se de características dos homens em geral. Não se pode definir um homem através deste modelo de comportamento social que, gostaríamos que tornasse decadente.

Entre carros e motos, bolas e pipas, precocemente as crianças são induzidas a quais atividades devem ser realizadas ou não. Brinquedos e brincadeiras são ditos como de meninos ou de meninas. Bola para eles, boneca para elas. Conseqüentemente, estes costumes ideológicos são transportados para o ambiente escolar, muitas vezes reproduzidos até mesmo pelos próprios professores que estimulam a segregação de gêneros durante as atividades dentro e fora das salas de aulas.

Dentro da educação física, a problemática se torna visivelmente maior, entretanto, não exclusiva. Afinal, é uma questão bem ampla na área da escola. É possível observar que, em todas as áreas pedagógicas há uma questão que se perpetua de segregação entre os gêneros, contudo é no esporte e em atividades recreativas que as ideologias sofridas pelas crianças se evidenciam.

Um estudo recente de Devidé, *et al* (2010), aponta para a exclusão de meninas durante as aulas de educação física mistas. De acordo com o estudo, a mesma acontece tendo como principal motivo o desenvolvimento motor menos evoluído das meninas em alguns esportes. Como revela Devidé, as crianças são capazes de definir quem está apto ou não para participar do jogo, diretamente ou indiretamente, a exclusão se naturaliza através das habilidades adquiridas. Portanto, é possível questionar como há aderência de uma capacidade em que nunca ou raramente foi trabalhada. Ora, se desde as primeiras idades da infância há uma distinção de atividades ou brincadeiras a serem realizadas pelas meninas, como as mesmas poderiam desenvolver coordenação em chutar bola ou fazer dribles se há elas, não lhes foram permitidos tal prática?

Na educação física ou no esporte como todo, é comum observar que meninos tornam-se alvos de expectativas impostas pela sociedade para que se tornem homens habilidosos nas áreas esportivas. Ser um bom jogador de futebol, por exemplo, representa virilidade e força ditas do universo masculino. Estar apto para entrar em campo significa também estar apto para uma vida enquadrada nos padrões da sociedade patriarcal. Contudo, sabe-se que nem só de futebol se vive o esporte. E as manifestações de intolerância a diversidade masculina se evidenciam, principalmente quando o mesmo migra para outros esportes com rótulos que remetem a homossexualidade.

A sexualidade passa então a ser fator de determinação para a existência do respeito para com um homem ou a falta dele. A homossexualidade para o masculino, é algo muito mais “violento” para a imagem do que para o sexo oposto. A completa rejeição a tudo que vem do feminino torna a homofobia muito maior para os homens que para as mulheres. Dentro dos estádios ou quadras esportivas, segundo Reis (2005), há o que se pode chamar de violência simbólica e violência real. A violência Real pode ser conceituada como as agressões físicas sofridas dentro de campo, de jogador para jogador e a simbólica, é aquela em que há xingamentos e gestuais, podendo abranger a plateia, também como agente agressor.

“É possível compreender a construção de desigualdades entre masculinidades como uma forma de violência, especialmente se pensarmos que nos esportes se privilegia um tipo bastante específico de masculinidade.” (BANDEIRA, 2013 p. 4) De acordo com o autor, todos os envolvidos no espetáculo esportivo, são responsáveis pela construção da identidade do masculino.

A respeito dos esportes que são ditos como femininos e atingem a masculinidade dos que praticam, os mais comuns são vôlei e handebol. Para a autora Juliana Coelho, a trajetória histórica do voleibol no Brasil, aponta para uma predominância maior das mulheres no esporte, seja como atletas ou como torcedoras. Para Coelho, em comparação do futebol com o voleibol, o primeiro citado, exclui mulheres e homossexuais e se torna especificamente como um espaço de afirmação da masculinidade hegemônica. O segundo então, torna-se completamente o oposto possibilitando novas socializações e integralizações dentro do esporte.

3. O PROGRAMA CORPO SAUDÁVEL

O Programa Corpo Saudável foi criado em 2007 e está disposto entre os projetos da prefeitura de Castanhal ligados às políticas públicas de atividades e lazer. No primeiro ano, teve seu funcionamento em uma praça localizada no bairro do Estrela, onde contava com a participação de 1 médico, 1 nutricionista, e 4 professores. Desde a data referida, o projeto já passou por diversas alterações, foi ampliado para o bairro do Cristo em 2008 e para o bairro do Apeú em 2009 e atualmente, o Programa conta com 8 profissionais da educação física e duas estagiárias.

As aulas são disponíveis para todos os tipos de público, não há especificidade de faixa etária ou gênero, os horários são intercalados entre dois turnos, manhã e tarde, das 6h-7h e das

18h-19h, tem a frequência de 3 dias durante a semana, sendo eles segunda, quarta e sexta-feira. Estas, acontecem simultaneamente nos três polos existentes, as atividades realizadas são voltadas para a área da ginástica aeróbia, mas as aulas são variadas e se alternam entre ginástica localizada, circuitos e aulas de ritmos.

A ginástica possui aspectos valiosos relacionadas à saúde e questões de sociabilidade, tendo também, um alto valor educacional e sua prática, abre um espaço para a criatividade “estimulando a participação de qualquer ser humano, independente de raça, nível social, idade, sexo, condição física ou técnica.” (SOUZA, 1997, p. 17)

Foi em 1800 que a Ginástica, a princípio relacionada a toda atividade física sistematizada, ganhou o conceito mais ligado à prática do exercício físico passando a desempenhar um papel importante dentro da sociedade industrial. A ginástica, torna-se então uma alternativa para a correção de vícios posturais adquiridos por meio do ambiente de trabalho e ganha admiração por ter seus benefícios ligados à área medicinal. (SOUZA, 1997; SOARES 1994)

A ginástica é ampla, criando uma dificuldade para conceitua-la sem restringir a prática diversificada pertencente à educação física. Esta modalidade ao longo dos anos tem seus objetivos transformados ou ampliados, permitindo assim, uma maior exploração das possibilidades da ginástica. Contudo, esta pode ser entendida das seguintes formas: Ginástica de Condicionamento Físico, a qual engloba todas as modalidades que tem como objetivo o condicionamento do atleta ou não atleta; Ginástica de Competição que reúne todas as modalidades competitivas; Ginástica Fisioterápica a qual utiliza do exercício físico como forma de prevenção ou tratamento de doenças; Ginástica de Conscientização Corporal traz as novas abordagens sobre o corpo que também são conhecidas como Ginástica Suave ou Técnicas Alternativas e Ginástica de Demonstração que representa a Ginástica Geral, cujo objetivo é a não competição e principalmente, a interação social, desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo. (SOARES, 1992; SOUZA, 1997)

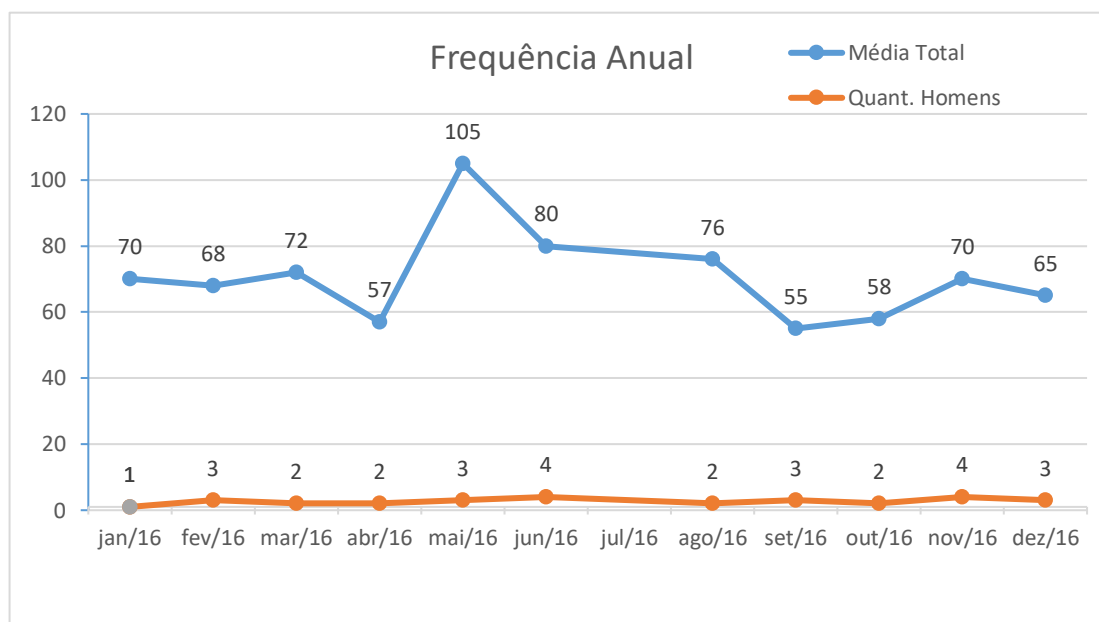
Podemos dizer então, que a Ginástica trabalhada no Programa Corpo Saudável, referente à esta pesquisa, engloba a Ginástica de condicionamento físico, Fisioterápica e a Ginástica de Demonstração, pois em seus objetivos, o projeto pesquisado possui a interação social do indivíduo, a melhoria da saúde através do exercício físico como meio de prevenção e tratamento e o desenvolvimento das habilidades cognitivas e motoras, além do condicionamento cardiorrespiratório.

4. A MASCULINIDADE APLICADA

No presente estudo, identificamos que os indivíduos do sexo masculino participantes do Programa Corpo Saudável, são 4% dentro de um universo de 190 pessoas. Essa variação nos indica um cenário importante para discussão, o qual indivíduos do sexo masculino não praticam atividades físicas orientadas, o que nos leva a fazer inferências sobre aspectos históricos culturais como, machismo, preconceito, nível educacional, dentre outros. Conforme indicado nos gráficos a seguir.

A frequência e regularidade no treinamento tem sido estabelecida com um importante fator que repercute em alguns aspectos como a saúde e outros. Portanto, o gráfico abaixo ilustra a regularidade e frequência dos sujeitos envolvidos neste estudo. Os dados são resultantes de um controle realizado no Programa, durante 3x na semana que corresponde aos dias de aulas. A relação de frequentes do sexo masculino dentro do projeto, em comparação com as pessoas do sexo feminino, possui um quantitativo menor. (Gráfico 1)

Gráfico 1 – Frequência do número de praticantes dos meses de 2016 e 2017

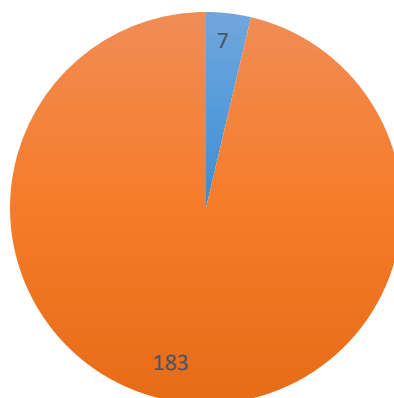


O Gráfico 1 ressalta a contraposição de frequência entre homens e mulheres nas aulas de ginástica do Programa Corpo Saudável.

Gráfico 2 - Total de Cadastros dos Participantes do Programa Corpo Saudável no ano de 2015 e a relação entre homens e mulheres.

Relação de cadastros no Programa em 2015 - Total de 190

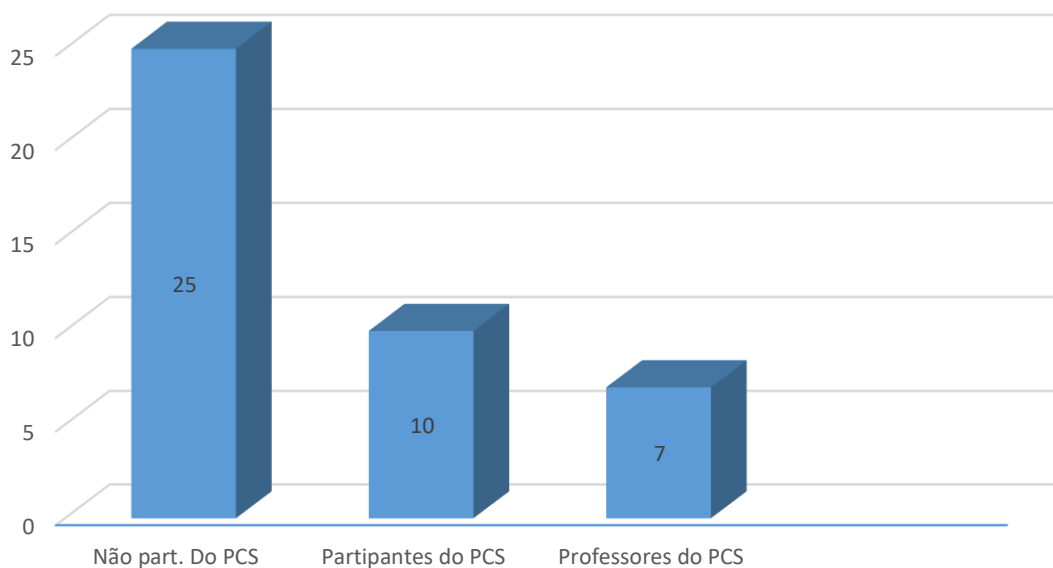
■ Homens ■ Mulheres



Outro dado que se destaca, é esta relação referente às pessoas cadastradas no Programa no ano de 2015, a qual revela que, 96% das pessoas inscritas são do sexo feminino e apenas 4% são do sexo masculino.

A amostra foi composta por um total de 42 sujeitos entrevistados. Estes foram divididos em 3 populações.

Amostra dos sujeitos



População número 1 é formada por homens que não participam das aulas do Programa Corpo Saudável. A população número 2 é constituída de indivíduos do sexo masculino que participam das atividades do projeto. A população número 3 é composta por professores que trabalham no Programa.

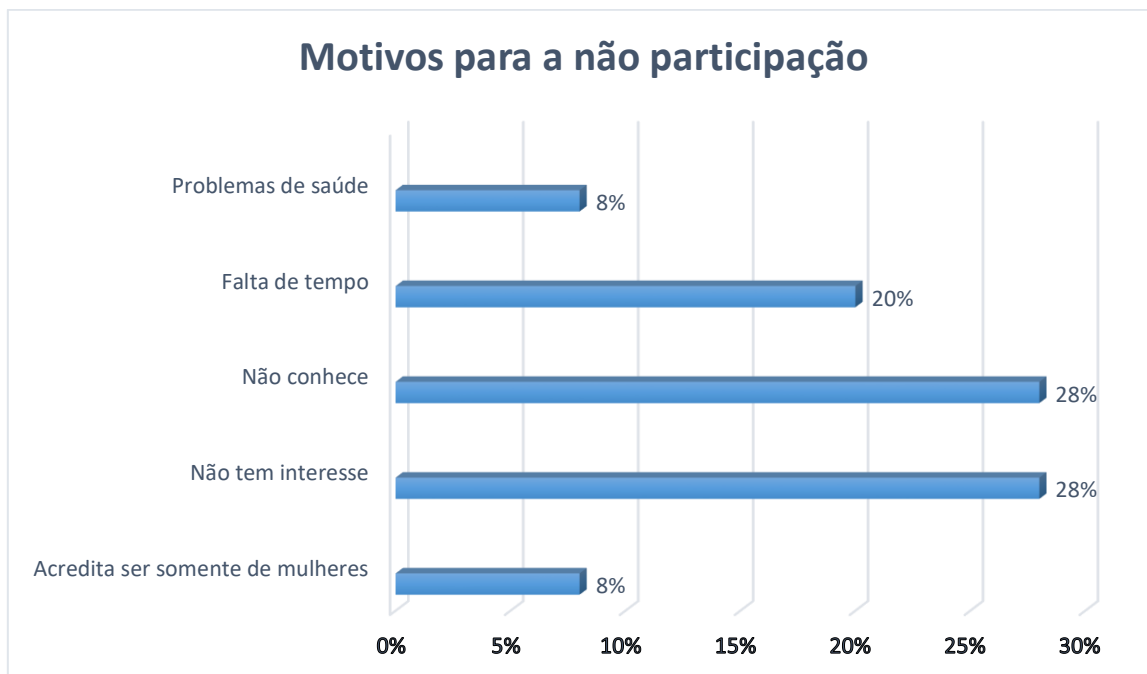
Em relação à **População 1**, a média de idade dos envolvidos é de 49 anos.

Tabela 1 - Perfil dos entrevistados População 1 (Total: 25)

Grau de escolaridade	Prática de exercícios durante a semana	Conhecimento do Programa	Utilização do programa
32% possui E. Médio completo	20% pratica 3x na semana	60% tem conhecimento do programa	12% já frequentou
20% possui E. Médio incompleto	20% pratica 5x na semana	32% não tem conhecimento.	88% nunca frequentou
28% cursaram até o fundamental	32 % alegaram praticar “todos os dias”	-	1 pessoa revelou pretensão em frequentar
0,1% pessoa tem Ens. Superior	1 pessoa realiza 6x na semana	-	
1 pessoa Nunca estudou.	1 pessoa relata variar a quantidade	-	

Quando indagados sobre os motivos por não participarem do programa os índices de respostas foram não conhecer o programa, não ter interesse pelo mesmo ou falta de tempo. (Gráfico 3)

Gráfico 3 – Motivos da não participação dos indivíduos do sexo masculino



Não conhecer as atividades e o Programa a que se refere, ou não possuir algum interesse no mesmo, esbarram nos mesmos percentuais obtidos. Tais resultados podem ser compreendidos quando alimenta-se a ideia de que atividades que envolvem ritmo e coordenação motora, representam um grau de dificuldade maior ao homem por não ser um universo familiar exigindo assim, um processo de adaptação (FRAGA, 1995). Entretanto, não se pode considerar somente este fator, tendo em vista que, o Corpo Saudável não é composto somente por atividades desta familiaridade.

É importante destacar que todos os entrevistados frequentavam rotineiramente, para realizar seus exercícios, os mesmos locais onde as atividades do PCS eram executadas. Desta forma, mesmo que seja observado que o local era de fácil acesso para os indivíduos do sexo masculino não participantes, suas decisões permaneciam a mesma, quanto a fazer parte do Projeto. Em contraponto à nossa pesquisa, Florindo (2006), analisou que o fácil acesso ao local de lazer, tornou a prática mais favorável.

Considerando ainda, que 4% dos entrevistados também alegaram não frequentar por se incomodar em ser minoria diante das mulheres. Uma pessoa informou já praticar exercícios iguais ou parecidos na empresa em que trabalha e por este motivo, não frequentaria a praça. Outro entrevistado mencionou não participar por preferir a caminhada na praça já que assim, encontraria colegas e teria uma sociabilidade maior.

Sobre a hipótese de participação das aulas no Corpo Saudável, 64% dos entrevistados, alegaram não se incomodar caso fossem minoria em relação às mulheres. 22% informou que se

sentiria incomodado e uma pessoa destacou que “não teria coragem” de estar nestas condições. Salles-Costa e colaboradores (2003), menciona em suas estatísticas, porém, que as mulheres possuem um número maior de inatividade no tempo livre, pois apenas 40,8% das entrevistadas em seu estudo disseram praticar exercícios no lazer a peso de que os homens representaram 52% destes resultados. Contudo, os resultados de Florindo e colaboradores (2006), destacaram que as mulheres representaram um total de 76% em relação a homens fisicamente ativos no trabalho, no deslocamento para o emprego ou na prática de exercícios em seu tempo de lazer.

O perfil da **população 2**, é composta por homens com idade média de 34.7 anos. Nota-se que estes participantes são relativamente mais jovens que os indivíduos entrevistados não participantes do Programa. Encontram-se também, dados interessantes sobre o grau de escolaridade desta população. Os jovens que relataram ter ensino médio incompleto, os quais representam 40% deste grupo, ainda encontram-se em processo de formação escolar e os demais 10% tem nível superior e o restante, ensino Médio completo. Isto, nos leva a perceber que, os participantes das aulas do Corpo Saudável, em geral, são pessoas com escolaridade maior e idade mais baixa. Apenas 4 dos referidos entrevistados, afirmaram possuir frequência assídua nas aulas e 1 revelou ter a pretensão de ser mais frequente. Os demais, consideram-se alunos esporádicos. Segundo o estudo de Salles-Costa e colaboradores, a renda per capita entre os homens mostraram-se diretamente relativa à prática de atividades físicas nos momentos de lazer.

Quanto ao tempo de participação do Programa, as respostas variam entre 2 meses e 9 anos, sendo que, 3 pessoas praticavam há alguns meses, 3 pessoas há mais de 5 anos e 3 dos homens participavam pela primeira vez.

Quando questionados sobre a representatividade do PCS em suas vidas, apenas um rapaz mencionou a perda de peso/estética, os demais participantes alegaram respostas relacionadas a saúde, bem estar e auto estima. Nenhum deles alegou sentir-se incomodado perante às mulheres como maioria, porém, houve um indivíduo que disse ter se constrangido no início, quando começou a participar das aulas mas que isso já não passava a ser considerado atualmente.

Um estudo realizado por Fraga (1995) com adolescentes sobre a concepção de gênero nas aulas de educação física escolar, menciona o desconforto de garotos mediante uma atividade de dança, onde, a visão de que aquela, seria uma atividade para meninas predominava prejudicando o bom desempenho nas atividades. Entretanto, após a adaptação com os movimentos e a percepção de que se tratava de algo natural para ambos os sexos, os adolescentes do sexo masculino, passaram a se divertir e a se desenvolver tanto quanto as meninas.

Quando indagados sobre suas visões dos motivos por outros homens não fazer parte do projeto, as respostas foram vergonha, preconceito com as atividades e ocasionalmente, machismo também fora utilizado. (Tabela 2)

Tabela 2 – Motivos para escassez da frequência de homens – Visão dos Participantes.

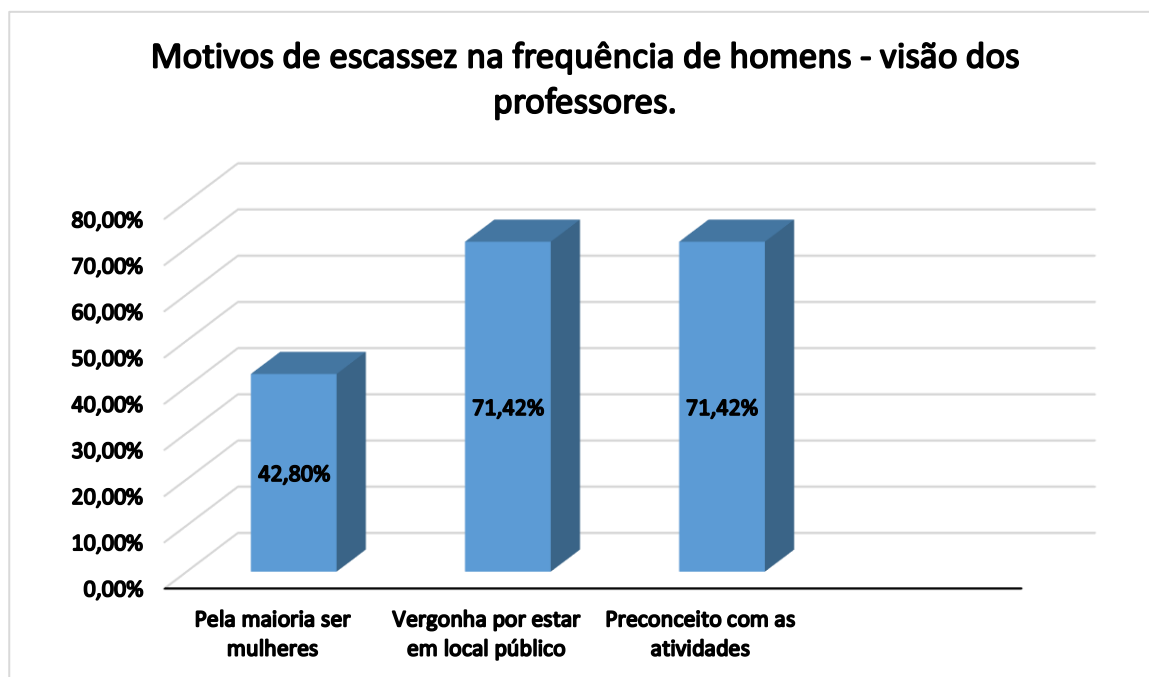
QUANTIDADE	MOTIVOS
20%	Vergonha em fazer os exercícios
30%	Utilizou o termo machismo
50%	Preconceito com as atividades

A respeito da **População 3**, onde os sujeitos eram os sete professores atuantes no projeto, sendo 5 mulheres e 2 homens, a média de tempo trabalhada no Programa são de 4 anos. As respostas não foram separadas por gênero, pois, não houve diferenças consideráveis em relação à visão dos mesmos.

Questionados sobre as suas opiniões quanto as atividades serem caracterizadas como “exercício para mulher”, em unanimidade, todos responderam acreditar negativamente nesta ideia, mencionando que as atividades eram compostas por ginástica aeróbia, treinamento funcional e ritmos, sendo cabível a participação de ambos os sexos.

Sobre a escassez da frequência de homens no projeto, a visão dos professores manteve a mesma linha de raciocínio, a qual foi possível destrinchar 3 causas principais, descritas no gráfico 4.

Gráfico 4 – A visão dos professores sobre o motivo de escassez de indivíduos do sexo masculino nas aulas.



Além dos fatores descritos no Gráfico 4, foi mencionado ainda, por um professor, a questão de preocupação com estética, supostamente ausente no homem. Sua resposta foi a seguinte: “Acredito que seja por descuido. Homem é mais desleixado mesmo.” Ainda houve a menção, também por outro professor, de que a visão masculina seria mais voltada para exercícios esportivos e na área da musculação, conforme descrita na fala a seguir: “Geralmente homem gosta mais de musculação, eles preferem ir pra academia.”

De acordo com Messner (1995), este interesse masculino voltado para a musculação, está presente desde as primeiras iniciações esportivas por volta do século XIX, justificando isto, pela virilidade masculina presente na corporeidade, relacionada com os músculos mais visíveis no corpo masculino.

Mais uma vez, a masculinidade torna-se objeto principal de justificativa para a execução de comportamentos ou atividades específicas. Apoiando-se em Louro (2000), podemos afirmar que o corpo construído socialmente através de ideais do masculino e do feminino também é construído sobre tudo, com exercícios que permitem afirmar as características principais de cada gênero.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, foi possível observar que, a masculinidade e o machismo foram fatores que influenciaram diretamente no comportamento de não aderência ao Programa Corpo Saudável. O número de homens participantes em relação ao número de mulheres que totalizam o Programa, ainda é exorbitante. A falta de conhecimento da existência do projeto e seu funcionamento, aqui, é entendido como falta de interesse dos participantes devido a quantidade significativa de mulheres que compõe o quadro das aulas, sendo um fator que afasta os homens das aulas ainda que haja vontade de participar.

Mencionado pelos próprios entrevistados não participantes, ver muitas mulheres realizando as atividades do Programa, representa que a mesma então, é exclusividade para o sexo feminino. Isto comprova que, a masculinidade e o machismo, se aplica na realidade de maneira a implicar nas práticas corporais dos sujeitos do sexo masculino até os dias atuais. Atividades de dança e ginástica ainda são vistas como atividades feitas para o gênero feminino, podendo afetar a masculinidade e a imagem dos homens que praticam.

Como foi mencionado durante o trabalho, é possível perceber que esta ideia não se aplica somente nas atividades que envolvem música ou ritmos, alguns esportes ficam rotulados dentro da prática de educação física. A exemplo do voleibol e do handebol, a sexualidade é o principal fator de evidencia da imagem do homem em exercício pleno de sua masculinidade.

O preconceito com as atividades foi um dos fatores que mais teve destaque dentro das respostas das 3 populações. Não há como passar despercebido que durante a pesquisa deste trabalho, todos os entrevistados, incluindo os professores do Programa, e os homens participantes, tiveram como percepção que há um preconceito enraizado dentro da maioria da população masculina. Em quantidade, este preconceito com as atividades oferecidas dentro do Corpo Saudável, representaram mais de 50% das respostas obtidas.

Durante a coleta dos dados desta pesquisa, foi possível perceber que há uma certa dificuldade da maioria dos homens em conversar com uma pesquisadora. Durante as abordagens que foram sempre realizadas em espaços públicos, os indivíduos expressaram comportamentos que em alguns casos impediram até mesmo a aproximação e realização da entrevista. Acredito que este, foi o principal obstáculo durante a elaboração deste trabalho. Ser abordado pelo sexo oposto, parece para eles, algo difícil de lidar sendo complicado até mesmo para responder algumas perguntas ou conversar sobre alguma ideia, mesmo que singela. Por

outro lado, houve também quem acolheu de bom grado o questionário. Porém, foi possível perceber que em alguns casos, a gentileza só existiu por ser uma mulher realizando a pesquisa.

Neste trabalho, onde foi abordado Masculinidades dentro da ginástica, do esporte e principalmente dentro das aulas de educação física escolar, observa-se a necessidade de intervenções dentro das aulas no ensino infantil. Vejo que, tudo começa na educação das séries iniciais. Educar meninos e meninas para que a questão de gênero se torne mínima possível no futuro, afinal, todas estas questões não atingem somente adultos, muito menos somente os adultos homens. A masculinidade desencadeia um processo de machismo que atinge e influencia toda a sociedade, incluindo as mulheres que a ela pertencem. Pode-se dizer também que elas, são se não as principais, uma das maiores afetadas neste ciclo.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Gustavo Andrada. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. “Eu canto, bebo e brigo...alegria do meu coração”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.
- COELHO, J. A. G. Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva. In: TOLEDO, L. H.; COSTA, C. E. (Orgs.). Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009, p. 75 – 93.
- CONNELL RW. Políticas da masculinidade. Educ Realidade. 1995; p.185-206
- CONNELL RW. Masculinidades. México: UNAM/PUEG; 2003.
- DEL PRIORE, M. Corpo a Corpo com a Mulher: Uma Pequena História das Transformações do Corpo Feminino no Brasil. São Paulo: Editora Senac, 2000
- DUNNING, E. & MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. Estudos Feministas, 321-348. 1997
- DEVIDE FP, Lima FR, Batista RS, Rodrigues, FSJ. Exclusão intrasexo em turmas femininas na educação física escolar: quando a diferença ultrapassa a questão de gênero. In: Knijnik JD, Zuzzi RP, organizadores. Meninas e meninos na educação física: gênero e corporeidade no século XXI. Jundiaí: Fontoura; 2010. p. 87-105.
- ELIAS, N. O Processo Civilizador. v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FARAH, M. Gênero e Políticas Públicas. Revista estudos feministas 2004, p. 47-71.
- FLORINDO, Alex Antonio et al. Prática de atividades físicas e fatores associados em adultos, Brasil, Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 43, supl. 2, p. 65-73, nov. 2009. Disponível em <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102009000900009&lng=pt&nrm=iso>. acessado em 06 abril, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102009000900009>.
- IZQUIERDO, María Jesús. “Uso y abuso del concepto de gênero”. In: vilanova, Mercedes (Org.). Pensar las diferencias. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1994. p. 31-53.
- LABERGE, S. Toward an integration of gender into Bourdieu’s concept of cultural capital. Sociology of Sport Journal, 1995. 12:132-146
- LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade (organizadora) Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

MESSNER, M. Masculinities and athletic careers. In: *Race, Class and Gender. An Anthology* (M. L. Andersen & P. H. Collins, ed.) 2nd Ed. New York: Wadsworth, 1995. pp. 165-179

ORTIZ, C.R. Discursos Masculinos: A auto-opressão do homem e a prevenção da transmissão do HIV/AIDS. A desconstrução do Masculino / organização de Sócrates Nolasco. – Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

ROHDEN, Fabíola. A construção da diferença sexual na medicina. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2003, vol.19.

RAMÍREZ, R.L.). Ideologias Masculinas, sexualidade y poder. Relatório apresentado no XXII Congresso de la Sociedad Interamericana de Psicologia, Buenos Aires, Argentina. Junio 1989.

SALLES-COSTA, Rosana et al. Gênero e prática de atividade física de lazer. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2003, vol.19, suppl.2, pp.S325-S333. ISSN 1678-4464. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2003000800014>

SCHPUN, Mônica Raisa. Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Boitempo/ SENAC, 1999.

STROMQUIST, N. Políticas Públicas de estado e equidade de gênero. *Ver. Bras. Educ.* 1996; p. 27-49.

VERTINSKY, P. *The Eternally Wounded Women: Women, Doctors and Exercise in the Late Nineteenth Century*. New York: Manchester University Press. 1990

WEEKS, Jefeys. Stuart Hall, David Held, Don Hubert e Kenneth Thompson (org.). *Modernity. An introduction to modern societies*. Londres: Blackwell, 1996: pp.363-394. ©

.

APÊNDICE 1

Questionário para aplicação aos professores do Programa Corpo Saudável.

Nome:

Profissão/função no Programa:

Sexo : M F

1. Há quanto tempo você exerce sua função dentro do Programa Corpo Saudável?
2. Durante esse tempo, houve um período em que você notou uma maior frequência de indivíduos do sexo masculino? Porque você acredita que essa frequência foi maior?
3. Na sua opinião, as atividades realizadas podem ser caracterizadas como “Exercício para mulher”?
4. Em sua visão, quais os principais motivos para a escassez da participação de indivíduos do sexo masculino?

APÊNDICE 2

Questionário para aplicação aos homens não participantes do Programa Corpo Saudável

Nome / Idade

Grau de escolaridade

Pratica atividade física? Quantas vezes na semana?

Sempre frequenta a praça para realizar estas atividades?

Você conhece o programa Corpo Saudável, ou já ouviu falar? Já frequentou?

Qual motivo pra não ser participante do programa? Em uma hipótese de passar a frequentar o Programa e perceber que é minoria como homem, sentiria-se incomodado?

APÊNDICE 3

Questionário para aplicação em homens participantes do Programa Corpo Saudável

Nome / idade

Grau de escolaridade

Há quanto tempo frequenta o programa?

Sua participação é frequente?

A prática dos exercícios realizados no Programa C. Saudável, representa o que para você?

Você sente algum desconforto sendo minoria neste ambiente?

Em sua visão, qual o motivo de outros homens não participarem do Programa?